

10 AGO 1969

Educação não interessa

Apesar de o grevismo haver dominado o magistério, especialmente o de nível superior, a questão educacional parece não despertar maior interesse. Não me lembro que haja algum dos presidenciáveis, entre tantos, abordado o tema, mesmo porque nada lhes foi perguntado. Falaram de quase tudo, de suas cuecas, dos problemas familiares que deviam ficar restritos, deram receitas de pratos especiais, fizeram propaganda disfarçada etc; mas discutir a problemática do ensino, ninguém.

Claro que esporadicamente, aqui ou ali, frase solta em discurso ou entrevista, vem a promessa de recuperar a dignidade do magistério, acabar com o analfabetismo e outras semelhantes. Trata-se, porém, de retórica, sem profundidade. A Universidade de Brasília, por exemplo, está em greve há mais de cem dias, sem que os presidenciáveis procurem saber as causas. O prejuízo que essa greve trará a centenas de jovens não lhes interessa, o desprestígio da universidade da capital da República não os preocupa. Falta-lhes, decerto, tempo, pois estão voltados para agradar uma cantora de sucesso ou um jogador de futebol que pode significar alguns votos.

Milhares e milhares, milhões e milhões de alunos são atingidos em todo o País pela paralisação das escolas de todos os níveis, porém os presidenciáveis se omitem a respeito. Deveriam reunir-se com educadores, esmiuçárem o assunto, funda-

mental para a sociedade. Os professores ganham mal, no entanto isso não lhes dá o direito de receber em casa e acelerar, em seu protesto, a decadência, vertiginosa do ensino.

O erro é também do Congresso que se comporta da mesma forma. A discussão em torno das Universidades paradas, das escolas que nada ensinam, concentra-se nos baixos salários do magistério, o que sempre rende alguns votos e é simpático. Examinar o todo, saber como pode um garçon ser eleito para dirigir uma biblioteca, nunca. Quem há de combater o democratismo e correr o risco de parecer elitista? O que fazer para evitar as paralisações sucessivas, ora de servidores, ora do magistério, não é conveniente politicamente.

Há raros cavaleiros andantes da educação, como o senador João Calmon (PMDB-ES). O senador Francisco Rolemberg (PMDB-SE) propôs o ensino pago por quantos podem; o senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ), a obrigatoriedade do ensino noturno nas universidades federais. Ambas as iniciativas estão paradas nas Comissões. O senador Edison Lobão (PFL-MA) quer o salário profissional para o magistério de 1º e 2º Graus e o senador Hugo Napoleão (PFL-PI) lançou importante livro "Educação e Democracia". São esforços admiráveis e isolados, mas a educação não sensibiliza porque estamos todos voltados para a próxima pesquisa — e nelas influem mais as cuecas e as receitas.